

**EFEITOS METAFÓRICOS NA MÚSICA GOSPEL CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO
A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA**

**METAPHOR EFFECTS ON CONTEMPORARY GOSPEL SONGS: A STUDY BASED
ON FRENCH DISCOURSE ANALYSIS**

Rosiléia de Oliveira Mundoco¹

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o conteúdo de canções que se encontram em evidência na atualidade e pertencem ao gênero gospel. O corpus da pesquisa constitui-se de cinco canções gospel que se encontram disponíveis na mais popular plataforma de compartilhamento de vídeos da internet e que apresentam em suas letras diversas metáforas. O procedimento analítico, considerando as metáforas e efeitos metafóricos das canções, fundamenta-se nas postulações de Pêcheux, como precursor da Análise do Discurso de linha francesa, e Orlandi, que deu seguimento nesta linha de estudos no Brasil, entre outros autores. Quanto aos objetivos, partindo de procedimentos analíticos pertencentes à Análise do Discurso de linha francesa (AD), busca-se evidenciar características que delineiam o efeito metafórico evocado em diversas canções de cunho religioso, e que mantêm uma estreita relação com o discurso e ideologia cristã, atrelados à memória social deste grupo.

Palavras-chave: Metáforas; Música Gospel; Memória; Análise do Discurso.

ABSTRACT

This study aims to analyze the content of contemporary gospel songs that are currently in the spotlight. The research corpus consists of five gospel songs available on the most popular internet video-sharing platform, which exhibit various metaphors in their lyrics. The analytical procedure, considering the metaphors and metaphorical effects of the songs, is grounded in the postulations of Pêcheux as a precursor of French Discourse Analysis, as well as Orlandi, who furthered this line of research in Brazil, among other authors. In terms of objectives, using analytical procedures belonging to French Discourse Analysis (DA), this study seeks to highlight the characteristics that delineate the metaphorical effect evoked in various religious songs, which maintain a close relationship with Christian discourse and ideology, linked to the social memory of this group.

Keywords: Metaphors; Gospel Music; Memory; Discourse Analysis.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins. E-mail: rosemundoco@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A música para a comunidade cristã tem se consolidado como parte fundamental de sua liturgia. Além de ser uma tradição entre os cristãos, a música também tem se destacado como um meio de atividade econômica rentável para alguns cantores. O mercado fonográfico que engloba os cantores gospels tem se mantido ao longo das décadas, e tem se expandido para programas televisivos e de radiodifusão, assim como nas mídias digitais e redes sociais, e não é rara a utilização destes meios de comunicação para a difusão de ideias proselitistas.

Com as novas significações que a AD imprime em diversos elementos já convencionados pela linguística ao longo do tempo, a análise de metáfora que propõe a AD vai além da proposta tradicional, tendo sua ancoragem na relevância que esta possui enquanto elemento indissociável do discurso, pois para que haja discurso é necessário que haja variação de sentidos. Nessa concepção, a metáfora considera a língua e o sujeito enquanto elementos sociais, e é partindo deste pressuposto que nos propusemos a analisar as metáforas que existem em canções gospel da atualidade, tomando como base para o estudo suas implicações históricas, ideológicas e sociais, correlacionando também tais elementos com a memória social que permeia o grupo denominado cristão.

Tomando como amostragem esse rico campo de estudos linguísticos que a música oferece, o corpus da pesquisa é constituído por cinco canções gospels, de cunho cristão, que se encontram disponíveis na mais popular plataforma de compartilhamento de vídeos da internet, e que apresentam em suas letras diversas metáforas comuns para o grupo social citado neste trabalho. Desse modo, o procedimento analítico com foco nas metáforas e nos efeitos metafóricos existentes nas canções eleitas fundamenta-se especialmente nas postulações de Pêcheux enquanto precursor da Análise do Discurso de linha francesa, bem como em Orlandi, que deu segmento nesta linha de estudos no Brasil, dentre outros.

Estudar as metáforas neste contexto se torna relevante considerado-se também o fato de que o uso da metáfora por vezes pode se ancorar na memória discursiva numa tentativa de fazer da fé uma verdade incontestável. Courtine (2009, p. 105-106), ao conceituar a memória discursiva, faz uma associação entre esta e a

existência histórica de um enunciado posicionado nas práticas discursivas que seguem regras determinadas por aparelhos ideológicos.

Assim, são retomados no enunciado pressupostos históricos pré-construídos, que, conforme destaca Pêcheux (1995, p. 164), é algo já existente e que é apresentado na abordagem ideológica buscando impor uma realidade a partir da universalidade de tal discurso. A memória discursiva retoma elementos já existentes e pré-concebidos, e conforme Courtine (2009), essa retomada suscita a noção de memória, já que a memória discursiva se corporifica a partir da repetição; esses elementos evocados é que sustentam a produção do discurso uma vez que propiciam a confluência de uma memória pré-existente e o enunciado atual, e por vezes, se encontra repleta de proselitismos.

Desse modo, a linguagem metafórica tem um papel de destaque no discurso cristão, podendo ou não ser utilizada como veículo para o aparelhamento de ideologias cristalizadas, sendo o estudo das metáforas um campo propício para diversas abordagens. No entanto, esta pesquisa se deterá na busca criteriosa e delimitada de demonstrar os sentidos que determinadas metáforas assumem em algumas canções gospels, considerando-se a forte ligação que tais enunciados apresentam com a memória social cristã reiterando algumas de suas memórias discursivas.

2 A ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA

A Análise do Discurso (AD) pertence ao campo da comunicação dentro da linguística e genericamente falando, consiste na análise estrutural de determinado texto considerando as construções ideológicas que o perpassam, bem como o contexto social em que foi concebido. Uma de suas vertentes é a Análise do Discurso de linha francesa, que tem como um de seus precursores o linguista e filósofo francês Michel Pêcheux, que é conhecido hoje como o pai da Análise do Discurso Francesa (AD), sendo essa fruto do grupo de estudos que o mesmo criou.

De forma lacônica, a AD pode ser definida como uma teoria situada entre a linguística e as ciências sociais, uma vez que seu contexto de estudo tem como foco a língua e sua relação com os aspectos históricos e ideológicos. Vale ressaltar que

outros estudiosos também se dedicaram ao estudo do campo da análise do discurso, tais como Foucault e os sociolinguistas franceses, entretanto, a AD francesa advém de Pêcheux e dos estudos que foram desenvolvidos pelo grupo que este criou na França. Conforme Daltoé, Fernandes e Fonseca destacam (2019, p. 127):

Para dar conta dessa relação constitutiva da linguagem com sua exterioridade, Pêcheux contava, em seu grupo de pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), além de linguistas, com o apoio intelectual de historiadores e psicanalistas. [...] Inaugura-se, assim, a linha materialista de estudo do discurso, com um objeto e escopo teórico próprios.

O campo de estudo atual da AD não possui apenas um único tipo de análise, mas pauta-se na infinidade de possibilidades de discursos, orais ou não, e estudos existentes graças à heterogeneidade que permeia o campo analítico. Algo que deve ser levado em consideração, devido ao poder de transformação do corpus escolhido, é a diferenciação que se faz necessária entre o analista do discurso e o sujeito histórico, visto que essa diferença é sutil, e como defende Achard (2010), pode ser considerada como um deslocamento enunciativo, que produz modificações na perspectiva do ponto de vista individual deste sujeito:

A análise de discurso é uma posição enunciativa que é também aquela de um sujeito histórico (seu discurso, uma vez produzido, é objeto de retomada), mas de um sujeito histórico que se esforça por estabelecer um deslocamento suplementar em relação ao modelo, à hipótese de sujeito histórico de que fala (ACHARD, 2010, p. 17).

Desse modo, quando se elege determinado discurso como objeto de estudo, levam-se em consideração as configurações sociais e ambientais em que o mesmo é produzido, caracterizando assim o aspecto discursivo da AD, em contraposição às demais abordagens de caráter puramente teórico. Ao se propor uma análise de determinado objeto, como por exemplo, os discursos que emergem do contexto social cristão, partindo da AD de Pêcheux, nessa análise devem ser considerados os elementos que extrapolam os limiões do ato comunicativo, e, desse modo, fica evidente que o papel da língua não se restringe apenas à transmissão de informações estanques, com o intuito de simplesmente anunciar alguma coisa, mas considera toda

a rede de relações intrínsecas à produção deste discurso, abarcando seu contexto social, ideológico e histórico.

3 O QUE É METÁFORA PARA A AD

No contexto da AD, a metáfora vai além de uma substituição semântica cujos significados derivam exclusivamente do contexto frasal e cuja classificação se enquadra em figura de linguagem, tal como nos estudos linguísticos tradicionais. Nesta, é a metáfora uma condição existencial para que haja o discurso levando em consideração a transitoriedade dos sentidos, tendo na concepção discursiva uma interface entre abordagem ideológica e a língua. A respeito da AD e os processos metafóricos, podemos observar o que defende Orlandi (2003, p. 5):

Esta é, para mim, uma marca da especificidade da análise de discurso: ela introduz uma noção não linguística (...) de metáfora que não deriva da retórica, ou dos estudos literários, assim como uma noção de “memória” que tem suas determinações que não são psicológicas, cronológicas, etc.

Entretanto, apesar da maleabilidade que a AD confere ao estudo das metáforas no que diz respeito aos procedimentos adotados na análise, um efeito metafórico não ocorre de forma indiferente e casual, mas tem ligação direta com a história, memória e subjetividade. Logo, esse efeito metafórico tem uma forte relação com o imaginário do sujeito do discurso, e como esse sujeito é um ser social, o seu imaginário não pode ser individual, pois é a formação discursiva que se origina em seu contexto social que o caracteriza enquanto sujeito.

Pêcheux (1997 [1969]) apresenta a metáfora como resultado dos sentidos que surgem a partir da inserção do sujeito no campo social, no cultural e no histórico, a partir da relação entre ideologia, memória discursiva e sentidos que o interdiscurso suscita, sendo este último um espaço propício para o surgimento de contradições e questionamentos, permitindo assim a metáfora aconteça. Como defende o mesmo autor, a metáfora extrapola o discurso poético, e se torna a âncora semântica de todo discurso, sendo que o discurso científico “[...] não é, pois dissociável dos efeitos metafóricos, que não podemos, assim, restringir ao espaço ‘subjetivo’ do vivido cotidiano ou da poesia” (PÊCHEUX, 2011 [1984], p. 154-55).

Assim, os efeitos metafóricos são indissociáveis do imaginário do sujeito, que parte da formação discursiva social, em um contexto que o define como sujeito. Na visão de Pêcheux, o processo metafórico existe a partir da existência de possíveis deslocamentos dos sentidos. Desse modo, a metáfora evoca a noção de deslocamento e de sentido. A análise do discurso, em oposição à análise de conteúdo, tem como foco na língua os efeitos metafóricos e seus deslizamentos de sentidos. Segundo o autor:

[...] chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo do 'sentido' designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas lingüísticos naturais, por oposição aos códigos e às línguas artificiais, em que o sentido é fixado de antemão (PÉCHEUX, 1997 [1969], p. 96).

No intuito de explicar esse funcionamento, o autor defende que nesse paulatino deslizamento de sentidos, quando uma palavra é substituída por outra, tem-se como resultado um novo elemento, totalmente diferenciado, mas que traz em si resquícios das relações de sentido que ocasionaram o seu deslizamento. Esse fato pode ser atribuído à historicidade e às ideologias que se contrapõem e interagem com o discurso e a língua.

Quando uma palavra é substituída por outra ao longo do tempo, ocorre uma mudança gradual em seu significado criando um novo elemento linguístico que carrega vestígios das conexões de sentido que levaram a esse novo elemento. Isso ocorre devido à historicidade da língua e às ideologias que influenciam o discurso. As crenças, valores e visões de mundo de uma determinada comunidade, tomando por exemplo os cristãos, influenciam a maneira como as palavras são usadas e interpretadas, o que pode levar a modificações nos significados das palavras, pois novas conotações e associações são criadas com base nas ideologias presentes no discurso e que, neste caso, giram em torno da figura do Cristo.

4 A HISTORICIDADE DO CRISTIANISMO

O Cristianismo surgiu por volta de 2.000 anos atrás, na região da Judeia, atual Palestina, e partiu da crença em um salvador, o Messias, que veio enviado por Deus

para salvar quem acreditasse em sua vinda. De acordo com Chevitarese (2016), existem poucos personagens históricos com a mesma repercussão, e que tenham conseguido manter sua mensagem em evidência por tanto tempo, como Jesus de Nazaré. O autor ainda chama a atenção para o fato de seu nascimento marcou o início da Era Comum adotada em todo o mundo, e destaca que aproximadamente um terço da humanidade, o que compreende mais de dois bilhões de pessoas, professam a fé cristã embasada nesse Messias. Especificamente no Brasil, a quantidade de pessoas que se autodeclararam cristãos ultrapassa o número de 160 milhões, conforme os dados que constam no último censo divulgado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística² (2010). Desse modo, se considerada a quantidade de seguidores, Jesus ultrapassa, de longe, outros líderes, superando até mesmo Maomé que conta com mais de um bilhão e quinhentos milhões de fiéis assumidos (CHEVITARESE, 2016, p. 5).

A mensagem desse Cristo trouxe na sua época uma perspectiva diferente sobre religião, filosofia, ciência e foi capaz de gerar um movimento social de caráter religioso com um grande número de adesão. A pauta cristã consistia na libertação da alma e era recheada de testemunhos de curas e transformação e muita fé. Logo, professar o cristianismo significa assumir publicamente sua fé nos preceitos cristãos e no Cristo que seguem. Sobral (2012, p. 123-124) traz à tona um questionamento acerca da aceitação da verdade pelo interlocutor, e afirma que:

[...] todo lugar social representado no discurso quer ser reconhecido como parte de uma totalidade e como voltado para ela, já que o discurso é sempre uma interação, é sempre algo dirigido ao *outro* e, seja pela contradição ou pelo acordo, procura um “sistema discursivo” comum. Em consequência, todo lugar social quer ser reconhecido e ter seu discurso reconhecido como mais próximo da completude, do todo, do outro.

De fato, existe neste grupo um lugar social comum a todos os que professam essa fé, que vai além do espaço físico dos templos, e estes elementos que compõem esta memória social são identificáveis em qualquer lugar do mundo que se encontre um adepto desta religião, seja católico, ortodoxo ou protestante, sendo estas três as vertentes que compõem atualmente o cristianismo e que divergem em alguns pontos entre si. Desse modo, todos que se declaram cristãos estão intimamente ligados pelas

² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>

crenças, pelos ideais e pela cosmovisão da fé na vida após a morte, que acaba sendo o ideal supremo do cristianismo, além da fé no Cristo, elementos que são reafirmados e propagados diariamente por meio do testemunho de fé e discurso cristão.

5 DISCURSO E MEMÓRIA

A bíblia sagrada apresenta sentidos e contextos peculiares para a memória, pois podemos observar que, conforme os relatos bíblicos em diversas passagens, “lembrar” era usado liturgicamente para a reafirmação da devoção e fé em Deus, bem como para agradecer pelas bênçãos recebidas: “Lembrar-me-ei, pois, das obras do SENHOR; certamente que me lembrarei das tuas maravilhas da antiguidade”. (BÍBLIA SAGRADA, SI 77:11).

Segundo Siqueira (2008, p. 4, grifos nosso):

Para a Bíblia, *lembrar* não é um gesto que alimenta emoção, curiosidade ou esforço intelectual, mas provoca ânimo e coragem para enfrentar os desafios da vida. Um dos fatos que mais caracterizam a ação da *memória* na história bíblica encontra-se no exílio babilônico (587 a 539 a.C.). Os israelitas exilados decidiram reconstruir a nação a partir das *memórias* do passado. Baseados no livro de Deuteronômio, eles resgataram a história a entrada na terra, a experiência da organização tribal e as dificuldades com a política dos reis.

Quando se retoma as circunstâncias de criação de determinado discurso, impreterivelmente se evoca a memória de tal acontecimento. Em outras passagens bíblicas, a palavra ‘lembrar’ é evocada com o sentido de onisciência e atemporalidade do Deus cultuado: “Mui profundamente se corromperam, como nos dias de Gibeá. Ele lembrar-se-á das suas injustiças, visitará os pecados deles.” (BÍBLIA SAGRADA, Os 9: 9). Neste outro trecho, lemos: “Lembrar-me-ei, em benefício deles, da Aliança firmada com seus antepassados, que libertei e fiz sair da terra do Egito, à vista das nações, a fim de ser o seu Deus, Eu mesmo, Yahweh!” (BÍBLIA SAGRADA, Lv. 26:45). Ainda de acordo com Siqueira (2008, p. 2), na Bíblia Sagrada

A lembrança do nome era considerada o momento decisivo do culto. A razão dessa relação está no significado do nome Javé: Ele faz, Ele cria, Ele liberta. Portanto, o nome de Javé não é um rótulo bonito e atraente, que provoca, apenas, emoção, mas ele é o que Deus produz liberdade e traz bem-estar e bênção para a humanidade e o mundo. Daí a importância de lembrar.

A memória social cristã define o que são hoje, daí a importância das memórias para uma análise discursiva. Deleuze (1997) concebe a memória não como um simples aspecto arquivístico ou monumental, fugindo da feição arqueológica que comumente é dispensado à mesma, e a apresenta em um prisma de caráter cartográfico, estando esta em constante construção e movimento, perpassando o que ele denomina de deslocamento entre o passado, presente e futuro, e desse modo, não é a função da memória simplesmente restituir algo que já aconteceu.

Assim, há quem defenda que a memória é o que de mais importante o ser humano possui, pois é por meio dela que é possível conhecer os fatos passados, e aí se armazena toda a história da humanidade, embasando a capacidade de se fazer julgamentos de valor, planejar ações, aguçar a atenção, guiar atitudes, emergindo a concretude das ações humanas a partir dos discursos e seus contextos de produção.

6 POR QUE ANALISAR A MÚSICA GOSPEL?

Alguns estudos já foram desenvolvidos na área da música gospel, no entanto, abordaram outros aspectos. Mendonça (2009, p. 4) é um pesquisador que desenvolveu estudo sobre tal, e afirma que “A música gospel faz parte das novas atitudes e condutas evangélicas geradas na esfera das mudanças culturais e religiosas que marcam a pós-modernidade.” A abordagem do autor tem como foco a música cristã contemporânea no Brasil, mas buscando analisar a interação destas canções com o modelo pop das mídias, citando também como a cosmovisão religiosa tem propiciado a expansão do neopentecostalismo e do mercado musical evangélico.

No campo dos estudos e pesquisas científicas podemos encontrar diversos autores que se debruçam à temática da música gospel. Bandeira (2017) também desenvolveu um estudo sobre a mesma, porém, seu foco foi realizar uma revisão bibliográfica sobre os estudos já publicados sobre o tema no Brasil, buscando identificar em que áreas do conhecimento estão inseridos. Em sua análise, a autora deu um enfoque interdisciplinar à música gospel, partindo de diversas áreas acadêmicas, como as Ciências Sociais, as Ciências da Religião, a Comunicação Social e a Musicologia. Um fato curioso apontado nesta pesquisa é que o interesse pela temática em questão é bem recente, apontando que mais de dois terços do material analisado foi escrito no recorte temporal que compreende os anos de 2000 a

2015. Também foi possível notar que o assunto é pouco explorado, considerando-se que a incidência de textos não é tão expressiva, cerca de 250 textos encontrados, dos quais nem sempre a música gospel é o tema principal.

Dessa forma, o estudo ora apresentado difere da maioria já produzido por utilizar como metodologia de estudo a AD, e traz uma relevante contribuição para a produção e divulgação do conhecimento, ainda mais em se tratando de algo tão marcante e presente na vida da maioria das pessoas, que é a religião. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que o aparelho religioso desempenha um papel considerável na disseminação de ideologias, tendo um impacto significativo na sociedade, e, por conseguinte, é importante entender esse funcionamento discursivo a partir da análise das metáforas presentes em algumas músicas gospels, sendo esta a proposta desta pesquisa.

7 ANÁLISE DE CANÇÕES GOSPELS CONTEMPORÂNEAS COM FOCO NAS METÁFORAS

Sabendo-se que a cultura cristã tem se consolidado ao longo de mais de dois milênios, é natural que inúmeros discursos tenham sido produzidos neste trajeto, mas para que um elemento se torne significativo e passe a compor a memória social deste grupo, é necessário que o mesmo se destaque de alguma forma, seja pela relevância do seu contexto de produção, seja porque expressa suas ideologias coletivas. Para Davallon (2010, p. 25):

Uma primeira constatação se impõe imediatamente: para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão. Porque é essa possibilidade de fazer impressão que o termo "lembança" evoca na linguagem corrente.

Os efeitos metafóricos podem, por meio de elementos subjetivos, trazer à tona elementos ideológicos e históricos que evocam interpretações e expressam a memória social do grupo denominado cristão. Neste trabalho, foram escolhidas cinco canções gospel, tomando como critério a presença de metáforas na letra destas. As músicas são: Pintor do Mundo - Pastor Lucas (2018); Dependente - Gislaine & Mylena

(2014); Sabor De Mel – Damares (2008); Não Pare - Midian Lima (2019); Soldado Ferido – Junior (1995).

Assim como toda organização social, o grupo cristão é regido por preceitos e documentos que expressam a sua regra de fé. Um dos documentos que regem os cristãos e sua conduta diferenciada em nosso país, a Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil³ é um documento que foi publicado no ano de 2016, e conforme o próprio:

Credo, confissão de fé, regra de fé ou declaração de fé são interpretações autorizadas das Escrituras Sagradas aceitas e reconhecidas por uma igreja ou denominação. Todas as igrejas ou denominações no mundo possuem algum tipo de conjunto de crenças, seja ele escrito ou não, não importando o nome dado aos ensinamentos que norteiam a vida da instituição cristã. A Bíblia é a Palavra de Deus e a única autoridade inerrante para a nossa vida (CGADB, 2016, p. 10).

A fim de conferir embasamento teórico para as análises aqui propostas, utilizaremos como referência os Credos adotados pelas três principais vertentes do cristianismo no Brasil, já citadas anteriormente. Temos a seguir o *corpus* da pesquisa identificando primeiramente o nome da canção, e em seguida o intérprete:

1) Canção “Pintor do Mundo” (Pastor Lucas)⁴

Essa canção foi gravada no ano de 2018 e tem toda a letra expressa por meio de expressões metafóricas, fazendo alusão ao Criador do Universo como um pintor. A arte da pintura é algo inerente à raça humana desde os seus primórdios, e no momento em que um pintor tem uma tela em branco em sua frente, ele tem a possibilidade de desenhar qualquer coisa. O ser humano possui verdadeiro fascínio por obras de arte, o que pode ser comprovado se observado o alto valor que por vezes é pago a obras que são raras.

Nos versos “ele assinou a obra que sou eu” temos o destaque do eu lírico focando no cuidado do pintor, e se colocando como obra prima do mesmo. A canção ainda faz referência à cruz, que é símbolo visual máximo do cristianismo, por

³ Disponível em <https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf> Acesso em: 21 dez. 2022.

⁴ Compositores: Marcos Lucas Valentin da Silva. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/pr-lucas/pintor-do-mundo/>. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gHg8Ujrfwqk>

representar o principal fundamento de quem professa essa fé, que é a certeza da salvação de sua alma por meio do sacrifício de Cristo na cruz. No item 3 do Credo das Assembleias de Deus, encontramos o seguinte:

Creemos:

3) No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (CGADB, 2016, p. 13).

Conforme Chevalier e Gheerbrant, em seu Dicionário de símbolos, foi graças à tradição cristã que ocorreu um prodigioso enriquecimento do simbolismo da cruz, pois a mesma sintetizou neste símbolo toda a história da salvação e da paixão do Messias e salvador. Desse modo, a referência da cruz faz alusão ao Cristo crucificado, ao Salvador, ao Verbo e também à segunda pessoa da Santíssima Trindade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 310). Esse discurso além de fazer total sentido para os cristãos embasa toda a ideologia do cristianismo, e apesar de ser um fato ocorrido há mais de dois milênios, se mantém atual, pois adquire novos significados no contexto cristão. Sobre este assunto, Achard (2010, p. 14) aponta que:

Com efeito, o funcionamento do discurso (...) supõe que os operadores linguageiros só funcionam com relação à imersão em uma situação, quer dizer, levando-se em consideração as práticas de que eles são portadores. De outro modo, o passado, mesmo que realmente memorizado, só pode trabalhar mediando as reformulações que permitem reenquadrá-lo no discurso concreto face ao qual nos encontramos.

Para os cristãos, Jesus Cristo é o Filho eterno de Deus, sem pecado, que operou milagres, sofreu o sacrifício vicário na cruz, ressuscitou. A canção em destaque traz essa referência quando afirma que “a cruz foi o pincel do autor”, ou seja, considera uma obra de arte a possibilidade de salvação por meio desse sacrifício. A canção expõe de forma enfática que a obra de arte pintada pelo Criador é o próprio eu lírico, reconhecendo assim sua grandeza, maestria e perfeição, se colocando como criatura submissa e devota, e ao mesmo tempo reconhecendo o sacrifício do Messias, que lhe garante salvação.

2) Canção “Dependente” (Gislaine e Mylena)⁵

A fé cristã está pautada em diversos preceitos, conforme já exposto neste trabalho. É comum se ouvir neste meio que as provações que sofrermos nesta terra são formas de Deus melhorar no cristão aquilo que ele precisa melhorar, e assim aprimorar sua fé. A canção em voga foi gravada no ano de 2014, e a metáfora aqui faz alusão ao vaso de barro.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 932), o vaso representa o elixir da vida, e como o vaso possui uma abertura na parte de cima, simboliza que está aberto a receber as influências celestiais. Em um contexto social, a figura do vaso de barro para os cristãos tem um sentido específico, e segundo o que afirma Sobral (2012), é possível depreender que esse contexto social é imbricado de subjetividade e objetividade, o que atribui a determinado elemento sentidos diferenciados de outros contextos:

O lugar social é entendido assim como a posição dos indivíduos na estrutura da formação social e, ao mesmo tempo, como a representação imaginária dessa posição, definidas situacionalmente, o que mostra que a constituição e a posição social dos indivíduos englobam componentes “subjetivos” (a consciência individual e seus processos) e “objetivos” (o intercâmbio social e suas práticas) (SOBRAL, 2012, p. 126, grifos do autor).

Encontramos na Bíblia Sagrada uma referência a esse elemento, quando lemos em Isaías 64:8: “Contudo, Senhor, tu és o nosso Pai. Nós somos o barro; tu és o oleiro. Todos nós somos obra das tuas mãos.” Dessa forma, seria como se a penitência levasse o cristão a melhorar, a se tornar mais apto a herdar o reino dos céus. Os versos “Eu não mando em mim mesmo, Me refaça, se preciso for, Estou em Tuas mãos, Senhor” deixam transparecer a fé cristã de que há um ser onipresente, onipotente e onisciente, que comanda tudo e decide cada coisa que existe e ocorre. No Credo da Igreja Ortodoxa Antioquina⁶ que é o mesmo da Igreja Católica, encontramos a seguinte afirmação:

⁵ Compositores: Gislaine e Mylena Alpoim. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/gislaine-milena/dependente/> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wn0jgXd7XXY>

⁶ Disponível em: <http://www.catedralortodoxa.com.br/single-post/2014/10/10/O-CREDO> Acesso em: 12 jan. 2022.

Creio em Um Só Deus, Pai Onipotente, Criador do céu e da terra, de todas as coisas/ visíveis e invisíveis. E em Um Só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Luz de Luz, Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro; gerado e não criado, consubstancial ao Pai, por quem tudo foi feito (CREDO, 325 d.C.).

A supremacia de Deus está constantemente sendo reafirmada no meio cristão, o que ocorre também nesta canção, e pode ser observado nos versos “Não me deixe só nesse processo, eu não suportaria sem Te ter por perto, a obra depende do seu criador”. O eu lírico segue ainda reafirmando sua dependência desse Deus, desse ser supremo ao longo de toda a canção.

3) Canção “Sabor de mel” (Damares)⁷

Essa canção de 2008 traz à tona uma simbologia muito forte para o meio cristão, que é o mel. O mesmo é visto na bíblia sagrada como símbolo de fartura e deleite, conforme podemos observar em Êxodo 3:8: “Portanto, desci para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; (...)” (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 62).

A referência a este elemento da natureza expressa uma forte memória social do povo cristão, pois ao se referirem à morada celestial, é comum se ouvir dizer, conforme se observa em Números 14: 8: “Se o SENHOR se agradar de nós, então, nos porá nesta terra e no-la dará, terra que mana leite e mel.” (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 164). No Credo das Assembleias de Deus temos no item 15:

Creemos:

15) No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morreram durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (CGADB, 2016, p. 13).

Conforme é possível observar neste trecho do Credo seguido pelos cristãos protestantes, eles acreditam piamente em uma vida pós-morte, repleta de gozo e recompensas boas para aqueles que se mantiveram fiéis nesta vida. Entretanto, nesta canção o mel adota outro sentido, pois aqui o mel representa a vitória, o triunfo e o

⁷ Compositor: Agailton Silva. Letra disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2XbsxCEa_hc
Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y1BnBYFiKT4>

prêmio da pessoa que não desistiu e que se manteve fiel aos preceitos cristãos. Assim, ocorre um deslizamento de sentido do elemento Mel citado no discurso cristão para o Mel que é expresso na canção.

Como compreende Pêcheux (1997 [1969]), os processos que produzem os discursos ocorrem pelo contínuo deslize de sentidos, por meio do qual um termo passa a outro, e neste processo ocorre uma ressignificação, pois, ainda que se trate da mesma palavra Mel, a transição do sentido sobressalta a não-literalidade desses sentidos.

4) Canção “Não pare” (Midian Lima)⁸

Esta canção foi gravada em 2019, e apresenta a metáfora da pescaria, que permeia a canção por meio de diversos elementos que remetem a esta atividade, extremamente comum na época do surgimento do cristianismo, o que é possível comprovar no contexto da Bíblia Sagrada, no texto encontrado em Lucas 5:4-5:

E, quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao mar alto, e lança as vossas redes para pescar. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre a tua palavra, lançarei a rede. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 1002).

Outra passagem bíblica que também diz respeito à atividade pesqueira encontra-se em Mateus (4:18): “E, caminhando junto ao mar da Galiléia, viu Jesus dois irmãos: Simão, chamado Pedro e André que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Então, disse-lhes Jesus: ‘Vinde após mim, e Eu vos farei pescadores de homens” (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 934).

Considerando não só a metáfora da pescaria, mas estas de um modo geral e sua influência na memória discursiva, salientamos a capacidade que estas possuem de suscitar significações e sentidos diferenciados para determinado grupo social, o que é descrito nas palavras de Pêcheux (2010, p. 56):

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-

⁸ Compositores: Midian Augusta de Oliveira. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/midian-lima/nao-para/>

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dANcAGydlSM>

transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

No entanto, partindo da ressignificação esperada pelo autor da canção, assim como houve deslizamento de sentido na canção sobre o mel, o temos aqui, pois o sentido da pescaria nesta canção remete não ao senso comum de ganhar almas, que é tradição no meio evangélico, mas evoca o sentido de luta e persistência. Achard (2010, p. 16) traz um questionamento acerca da memória discursiva enquanto propiciadora de deslocamentos simbólicos:

É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais. É nessa colocação em série dos contextos, não na produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra. (...) O que desempenha nessa hipótese o papel de memória discursiva são as valorizações diferentes, em termos por exemplo de familiaridade ou de ligação a situações. (ACHARD, 2010, p. 16)

O autor evidencia a existência de relações contextuais, e explica que a multiplicidade de contextos e situações é que abre um leque vasto para as interpretações dos símbolos contidos no discurso, e que a valorização destes vários contextos é que caracteriza a análise do discurso em sua mais pura forma, uma vez que esta se respalda justamente na diversidade de sentidos e contextos que são inerentes à produção dos discursos.

Na canção analisada, esta metáfora adquire nova significação quando busca motivar as pessoas a lutarem pelos seus objetivos, a não desistirem face às dificuldades diárias, reforçando a fé de que serão honrados pelo Criador, encorajando o ouvinte a realizar sua “pescaria” mesmo tendo poucos recursos em mãos, como consta no verso da canção de Midian que, de forma imperativa, diz para o interlocutor pegar o que Deus lhe entregou e voltar para o mar, que é o seu lugar. A fé tem um papel de destaque na vida dos cristãos, e encorajar o outro a ter fé faz parte do ideal destes, pois a solidariedade e amor ao próximo é mandamento do Messias a quem seguem.

5) Canção “Soldado Ferido” (Junior)⁹

Esta canção foi originalmente gravada no ano de 1995, mas possui um grande número de regravações, algumas bem recentes. A metáfora presente em toda a letra diz respeito à figura do soldado, especialmente aquele que se encontra debilitado devido aos ferimentos da guerra. Na memória social do povo evangélico, a luta diária é comparada com uma guerra. Sobre este simbolismo, conforme o que aponta Sobral (2012, p. 131):

Essa redefinição do conceito de lugar social permite redefinir o discurso como um processo histórico-social de instauração de sentidos que determina, a partir dos lugares sociais dos interlocutores envolvidos, o referente valorado, a intencionalidade, as imagens identitárias, as estratégias argumentativas etc., algo que se acha presente na própria materialidade do discurso, intradiscursivizado, para ser reconhecido como tal.

A simbologia do soldado é algo de domínio público, pois esta atividade faz parte de nosso cotidiano desde os mais remotos tempos até os dias atuais. No entanto, a significação que esta adquiriu no contexto cristão vai além desse senso comum, pois alude a elementos históricos específicos e comuns a este grupo social. Podemos observar em Efésios 6, na Bíblia Sagrada um trecho que faz referência à metáfora da armadura, com um sentido peculiar para o cristianismo:

13 – [...] vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo.
14 - Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça;
15 - e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz.
16 - Além disso, usem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas do Maligno.
17 - Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus (BÍBLIA, 2010, p. 1155).

Neste trecho bíblico podemos observar que o sentido metafórico evocado faz alusão à missão do cristão de lutar contra as investidas do seu inimigo espiritual. A canção Soldado Ferido alude a esta metáfora, mas lhe acrescenta novo significado

⁹ Composição: Cláudia Carvalho. Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/junior/1574779/>
Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsqUlo87gzc>

ao utilizar como apelo a necessidade de socorrer quem compartilha do mesmo ideal de vida, mas no momento se encontra em dificuldades. Para Sobral (2012, p. 122), em uma situação discursiva:

O sujeito sempre se dirige a algum outro, e procura levar esse *outro* a reconhecer o “valor” das posições discursivas a que remete, e estas se referem à relação do locutor com o todo social, incluindo sua interação com cada *outro* específico. O locutor empenha-se em ajustar-se ao interlocutor ao buscar evitar rupturas discursivas que o impeçam de deste receber reconhecimento.

Assim, a ruptura discursiva pode ser evidenciada no deslizamento de sentidos que a metáfora do soldado traz nesta canção, uma vez que para a maioria das pessoas, o soldado representa uma figura de poder, força e imponência, mas o que é destacado neste contexto da canção é a atitude de altruísmo, de companheirismo, de compaixão, pregados por Cristo e propagados pelos seus seguidos até os dias de hoje.

No recorte discursivo analisado nesta canção, o linguístico está intervindo como pressuposto, apontando para a exterioridade, para outras formações discursivas que atravessam o discurso desses sujeitos identificados à formação discursiva de cristãos, apontando para o já dito, conforme nos mostra Pêcheux (1997 [1969]), ao dizer que alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente e diferentemente. Desse modo, constituindo-se nesta relação entre paráfrase e polissemia, há o acionamento da memória discursiva, promovendo o encontro de uma atualidade e uma rede de memórias, na produção de sentidos constituída pela historicidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe uma análise das metáforas presentes no discurso cristão contidos em canções de cunho religioso que apresentam efeitos metafóricos e modificam conceitos historicamente marcados, possibilitando que estes se tornem algo novo, um acontecimento discursivo que permite a novas descrições e fomenta reflexões. Através das investigações pautadas nos postulados da AD, foi possível mostrar que o sujeito cristão se encontra inserido em um tempo e um espaço que

podem ser situados a partir do social, permeando os aspectos linguísticos com os sociais.

Este estudo torna-se pertinente a partir do momento que explicita a memória social de um grupo reconhecido pela sua resiliência e capacidade de automanutenção enquanto cristãos, trazendo de forma científica análises atuais dos contextos de produção de discursos cristãos expressos nos sentidos metafóricos existentes em canções gospel que já estiveram ou estão em evidência na atualidade, tomando como amostragem cinco entre tantas outras que utilizam o mesmo recurso estilístico.

Ao longo do trabalho foi possível observar como os conceitos propagados pela AD francesa se encaixam perfeitamente na metodologia proposta para esta pesquisa, pois foi possível fazer uma interface coerente e fundamentada entre os elementos escolhidos para análise e estes conceitos. Ficou evidenciada assim a atualidade e pertinência da AD no campo da análise linguística voltada para os efeitos metafóricos, história e memória social, pois foi possível perceber que a metáfora assume um papel fundamental para o grupo denominado cristão, pois se tornou um meio adequado para a retomada e reafirmação da memória discursiva propagada e difundida por esse grupo.

Ao ouvirmos as canções gospels e seu teor, obrigatoriamente acabamos por levar em conta as posições sociais e as formações ideológicas que originaram estes enunciados e que pertencem a este grupo. As significações que as metáforas aqui analisadas evocam requerem do interlocutor o mesmo sentido de fé e vivência cristã, para que se alcance a concretude almejada pelos autores, ancorados nos ensinamentos compartilhados e propagados pelos cristãos, tendo como fundamentação os preceitos historicamente estabelecidos ao longo do tempo, que hoje os definem enquanto grupo social e que são reconhecidos como sua regra de fé.

Dessa forma, os efeitos metafóricos advindos das canções gospel analisadas neste estudo revelaram como algumas palavras comuns em outros contextos são ressignificadas no contexto cristão, tendo o interdiscurso oriundo da bíblia um papel fundamental para que se concretizem novos sentidos e significados. Estes sentidos que foram apontados e contrapostos com a memória social cristã demonstram como as ideologias e a historicidade influenciam de forma irrefutável os efeitos metafóricos, neste caso, aqueles provenientes das canções à luz da Análise do Discurso Francesa.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **O papel da memória**. 3. ed. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010, p. 11-21.

BANDEIRA, Olívia. Música gospel no Brasil – reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/Cj98MpMqfpJ68NQgfgHXVRy/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 3 jul. 2023.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida no Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

CGADB. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. **Declaração de Fé**. [online]. CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 24. ed. Rio de Janeiro: Editora: José Olympio, 2009.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Jesus histórico**: uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Klíne, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: discurso comunista endereçado aos cristãos. Trad. Patrícia C. R. Reuillard et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DALTOÉ, Andréia da Silva; FERNANDES, Carolina; FONSECA, Rodrigo Oliveira. A contemporaneidade dos estudos de Pêcheux: ressonâncias e atualizações em solo brasileiro. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 125-131, jan./abr. 2019.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **O papel da memória**. 3. ed. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010, p. 23-35.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. **O gospel é pop**: música e religião na cultura pós-moderna. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. São Paulo: 2009. Disponível em: Acesso em: 08 jul. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. **Anais...** 10º. Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS, Novembro, 2003.

PÊCHEUX, Michel (1984). Metáfora e Interdiscurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Pontes Editoras, 2011, p. 151-161.

PÊCHEUX, Michel. (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux** (Orgs.). Tradução de Bethania S. Mariani [et al.] 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **O papel da memória**. 3. ed. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas-SP: Pontes, 2010. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

SOBRAL, Adail. Lugar social e sentido do discurso: um diálogo com Michel Pêcheux a partir de F. Flauhault e da concepção dialógica de linguagem. **Revista Prolíngua**. ISSN 1983 - 9979. v. 7, n. 1 - jan/jun de 2012.